

CAROLINA CUNHA

Por direito de nascença, por amor ou por alguma força maior, Salvador é a minha cidade. Nela me criei na melhor das idades e é nela que estão assentadas as raízes do meu trabalho. Um dia, me vi determinada a explorar os mistérios que ali acercam. Foi assim que o destino me aproximou do etnólogo Pierre Verger e da admirável griô Nancy Ibijare de Souza, que generosamente me transmitiram parte de seus vastos conhecimentos. Sem a consistente orientação dos dois mentores teria sido impossível dar andamento ao estudo que realizo há dezesseis anos sobre os temas afro-brasileiros. A eles esta obra deve sua riqueza.

Outros livros que publiquei: *Aguemon* (2002), *Eleguá* (2007), *Yemanjá* (2007), *Mestre gato e comadre onça* (2011), *Awani* (2013) e *Ogum Igbo* (2014).



O que é ser afro-brasileiro? Como traçar um retrato da vigorosa herança africana que contribuiu para a formação da nossa identidade? No Brasil, as influências dos bantos, congos, angolas, minas, nagôs e muitos outros grupos étnicos estão em toda parte. Não só no aspecto físico, mas também no jeito de viver. Em tudo eles deixaram suas marcas, ao longo das diferentes épocas: na música, na dança, nas religiões, nos costumes, na arquitetura, nas festas populares, na culinária, na arte, no comércio, na língua. Embora limitando-se ao essencial, este livro apresenta uma visão bastante representativa das culturas daqueles povos dos quais somos todos herdeiros.



CAROLINA CUNHA

ABC

AFRO-BRASILEIRO



Custou para que a cultura afro-brasileira fosse percebida como algo importante, profundo e próprio. Durante muito tempo ela foi perseguida, malvista e incompreendida: proibiram-se os atabaques, os batuques, o candomblé, a capoeira e até os sambas. Por isso, muitos nunca chegaram a conhecer de fato essas tradições, confundindo expressões de fé, de profunda sabedoria e de alegria com superstição ou, mais tarde, nomeando-as como folclore. Para entender a expressividade e a simbologia dessas tradições, histórias e músicas certamente é preciso ouvi-las, vê-las e senti-las. Também é necessário atenção para compreender trajetórias e memórias de indivíduos e comunidades e suas expressões de ancestralidade ainda pouco conhecidas. Elas nos mostram outras percepções de mundo, evidenciam formas próprias de ser, exigem respostas que talvez ainda não tenham sido dadas. Apesar do evidente processo de reconhecimento da importância das tradições afro-brasileiras e de sua inclusão na sociedade moderna — mesmo que a passos lentos —, há ainda muitas pessoas que não as igualam a outras mais conhecidas e difundidas. Isso acontece, em geral, por desconhecimento ou por preconceitos criados e transmitidos por séculos, e que, infelizmente, perduram até os dias de hoje. Portanto, este livro é um convite para mergulhar no universo de elementos fundamentais da cultura afro-brasileira, para conhecer histórias e trajetórias de pessoas, para lançar o olhar sobre um mundo de experiências e sabedorias ancestrais. A escolha dos temas poderia ser complementada infinitamente por outras. Aqui o leitor tem a oportunidade de um primeiro contato e apreciação de uma cultura que se manteve por tanto tempo com tão pouca representação e visibilidade.

Angela Lühhing

ABC
AFRO-BRASILEIRO

© Carolina Cunha (texto e ilustrações), 2008

Gerência editorial **Adilson Miguel**

Edição executiva **Graziela R. S. Costa Pinto**

Coordenação editorial **Cláudia Ribeiro Mesquita**

Preparação **Marcia Menin**

Revisão **Carla Mello Moreira e Marcia Menin**

Assistência editorial **Monica Felicio da Rocha**

Projeto gráfico **Paula Astiz**

Edição de arte **Leonardo Carvalho**

Diagramação **Leonardo Carvalho e Paulo Minuzzo**

Tratamento de imagens **Ideraldo Araújo e Mônica Oldrine**

Produção gráfica **Alexander Maeda**

Impressão **PSP Digital**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Carolina

ABC afro-brasileiro / textos e ilustrações Carolina Cunha. — São Paulo : Edições SM, 2009.

ISBN 978-85-7675-450-3

1. Afro-brasileiros — Cultura — Literatura infantojuvenil
2. Contos — Literatura infantojuvenil
3. Criação — Literatura infantojuvenil
4. Lendas — Literatura infantojuvenil
5. Mitologia afro-brasileira — Literatura infantojuvenil I. Título.

09-03729

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Afro-brasileiros : Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição agosto de 2009

4ª impressão outubro de 2015

Todos os direitos reservados a

Edições SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz, 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

CAROLINA CUNHA

ABC

AFRO-BRASILEIRO



Olorun a kí ibá axé ô é babá oni, Olorun a kí ibá axé é babá oni.

Senhor do céu, nós o saudamos e pedimos a sua bênção, pai.



VOLTA QUE MUNDO DEU, QUE MUNDO DÁ

Durante algumas centenas de anos, indivíduos provenientes das mais distintas sociedades africanas se viram deslocados mar adiante para as costas brasileiras do Atlântico. Vieram do Congo, Daomé, Togo, Mali, de Ifé, Oyó, Ketu, Angola, Gana, Moçambique... Para começo, não trouxeram materiais pertences; nada, a não ser uma memória viva de costumes e de palavras.

Mas eles eram valentes guerreiros, sábios, ferreiros, agricultores, carpinteiros, ceramistas, comerciantes, sacerdotes, princesas, ministros, poetas, griôs. Aqui, cresceram seus filhos, netos, bisnetos, entre as árvores que plantaram e os profundos valores que recordavam saber sonhando adiante, no novo mundo.

Ao som dos atabaques, das cabaças, ao sabor das danças rituais, das comidas sagradas, no embalo das rodas de samba, da capoeiragem, dentro do canavial, sobretudo no interior dos axés, onde moram os segredos, fizeram deste um mundo imprevisto, de raízes múltiplas e entrelaçadas, que se elabora e evolui constantemente no lastro de antigas tradições orais.

Várias das expressões em cuja soma total se fundamenta a identidade afro-brasileira comparecem ao longo deste livro traçando um exuberante panorama da continuidade cultural africana no Brasil. Despertadas ora por nomes, fatos, ora por vozes, gestos, feições, são lembranças que se confraternizam no *ABC afro-brasileiro*, onde todos os caminhos apontam para infinitas descobertas.

Talvez seja justamente esse entrosamento, essa atitude respeitosa com o semelhante e com a diversidade, a maior contribuição das populações brasileiras afrodescendentes para a humanidade; uma qualidade que conta e pesa cada vez mais na história que está se fazendo agora.

*Nancy de Souza
Ayanolá*



A

AXÉ

É a mais pura energia. Representa o poder supremo de Olodumarê (o criador do universo) e a comunhão entre todos os seres. Encontra-se na natureza sob a forma dos quatro grandes elementos – água, ar, fogo, terra – e dos três reinos – vegetal, mineral, animal. Os homens só se relacionam uns com os outros, com a natureza e com seus antepassados porque existe a força espiritual do axé, que não pode ser improvisada, mas transmitida pelos antigos por meio da fala. Palavra mágica por excelência, via de uso para agradecer, axé quer dizer “tudo de bom!”, “que assim seja!”.

Onílé mo Júbá o
Ibá orísá
Ibá Onílé



B

BRANCO

Por sempre unanimidade, é a cor preferida no comum de toda a África Negra. Simboliza a paz, a generosidade, a pureza, a luz. De majestade incomparável, “branco” é palavra que se pronuncia no nome de Oxalá, pois alá quer dizer “pano branco”. Maior que ele, só mesmo o céu, o *orun*. Soberano orixá da família *funfun*, dos orixás brancos, Oxalá pinta-se com *efun* (giz branco), veste-se de branco e adora oferendas de alimentos brancos, pois branco é a cor do princípio. É com Oxalá que começa a história do mundo nagô, na cidade sagrada de Ilê-Ifé.